



4140 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT17 - Filosofia da Educação

TEORIA CRÍTICA E EMANCIPAÇÃO: A descaracterização da arte sob o determinismo da indústria cultural
Roseane Santana Navarro - UFAL - Universidade Federal de Alagoas

RESUMO

Esta pesquisa é embasada nas contribuições filosóficas de Theodor Adorno e Max Horkheimer e tem como propósito refletir sobre a impossibilidade de emancipação humana através de uma racionalidade técnica, defendida pelo movimento iluminista, e a relação entre teoria crítica e emancipação humana sob o viés dos frankfurtianos e seus contributos em busca de uma criticidade usurpada no processo de instauração do capitalismo, este promovendo, através da indústria cultural, a descaracterização da arte com o objetivo de manipular o sujeito através da padronização de comportamento, desconsiderando os reais anseios humanos. Para tanto, temos como principal base teórica, a Dialética do Esclarecimento (1985), escrita pelos autores em questão. Uma possível proposta de enfrentamento aos apelos capitalistas em relação à arte se dá através de uma educação emancipada e por meio da "arte de protesto".

Palavras-chave: Emancipação; Indústria Cultural; Arte.

Introdução

Esta pesquisa é pautada nas contribuições filosóficas sobre a teoria crítica de Theodor Wiesengrund Adorno, um dos expoentes da renomada Escola de Frankfurt, em parceria com outros filósofos contemporâneos, como Max Horkheimer. Estes autores contribuíram para se pensar filosoficamente a sociedade vigente e os caminhos por ela percorridos, apesar de suas reflexões e posicionamentos terem se dado num contexto europeu da segunda guerra mundial, é possível identificar a convergência com a sociedade atual.

Neste trabalho, cuja metodologia se dá em função das referências teóricas dos autores supracitados e tento como principal fonte de análise o livro "Dialética do esclarecimento", de 1985, o que está em discussão é a impossibilidade de emancipação humana através de uma racionalidade técnica, defendida pelo movimento iluminista, no século XVIII, como sendo a salvação da sociedade, vinculada ao domínio da estrutura capitalista sobre as esferas sociais, artísticas, culturais e econômicas, estas manipuladas e transformadas com o objetivo de alienar e lucrar, desconsiderando os reais anseios humanos e passando a ser instrumento de dominação através da música na *indústria cultural* – termo criado por Adorno e Horkheimer, na década de 1940, no livro "Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos", publicado posteriormente em 1947, para denominar o modo de produção cultural no período industrial capitalista.

Inicialmente, propomos a reflexão sobre a obscuridade da razão instrumental, revelando as relações de poder que são construídas a partir do saber, da ciência e do conhecimento. Já que "o esclarecimento, ao mesmo tempo em que permitiu ao homem libertar-se dos grilhões que o acorrentavam, traz consigo a sua própria antinomia, ao tornar o homem escravo da reificação" (SILVA, 1999, p. 29).

No próximo momento, consideramos os contributos do pensamento filosófico da escola de Frankfurt, conhecido como teoria crítica, no processo de emancipação do sujeito, através de reflexões sobre os meios e as finalidades do conhecimento, revelando como a estrutura capitalista domina as diversas esferas sociais, econômicas, artísticas e culturais. Partindo da concepção de que a teoria crítica tem como fundamento criticar e modificar a sociedade para atender as necessidades de todos, propomos que a crítica da razão instrumental é comprometida com a autonomia do sujeito e, portanto, designa subsídios capazes de denunciar a verdadeira intencionalidade envelopada pela ideologia da classe dominante com o objetivo de que a sociedade consiga superar a cegueira impositiva e assim levar a humanidade à emancipação.

Em última instância, como materialização deste estudo em relação ao poder da ordem social econômica sobre as diversas esferas identitárias da sociedade, discorreremos sobre a descaracterização da arte, mais precisamente a música popular, que, para atender os ditames do sistema econômico vigente e, conseqüentemente, os anseios da Indústria cultural que visa lucro e alienação através dos bens de consumo, sofre um processo de degeneração através de características outras que lhe são agregadas para a promoção do produto e de sua reprodutividade. A arte, agora transformada em mercadoria, é fetichizada pelo aparato social investido do poder capitalista que leva a uma sociedade consumista e passiva do que lhe é imposto, sem criticidade de escolha, absorvendo como um simples entretenimento. Sobre isso, Adorno (1985, p. 57), "Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência".

Diante das reflexões promovidas na nossa pesquisa, consideramos que uma proposta de enfrentamento aos apelos capitalistas em relação à arte, é possível através de uma educação emancipada que se coloca em posição autorreflexiva, comprometida com a formação humana e não com a reprodução do capital. Assim a "arte de protesto" como ferramenta para o desenvolvimento da criticidade, fomentaria novas possibilidades para ultrapassar as barreiras do capitalismo.

Movimento iluminista e a razão instrumental

O Iluminismo foi um movimento intelectual, cultural, político, econômico, social e filosófico ocorrido no século XVIII e que teve suas raízes difundidas na Europa e surgiu em resposta ao absolutismo. Os pensadores desse movimento - cientistas, escritores e filósofos - defendiam o uso da razão opondo-se à tradição e ao pensamento religioso e tinham como propostas de mudanças da sociedade, na busca por autonomia e emancipação, a racionalidade fundante para se atingir um projeto de vida libertadora das amarras impostas pela forma de governo da época.

Com o propósito de "liberdade", os pensadores iluministas acreditavam que a possibilidade do progresso humano só seria possível a partir do desenvolvimento da ciência, pois quanto mais o homem conhece a ciência, mais progride intelectualmente. Este prisma era influenciado pela Revolução Industrial que ascendia nesse contexto e despertou neste movimento uma urgência em conceber que o homem tinha pela razão as condições de enfrentar os problemas que a realidade lhes apresentava

Contrapondo-se a esta perspectiva, os filósofos Theodor Adorno e Max Horkheimer, responsáveis pela obra "Dialética do esclarecimento", de 1947, adotam um ponto de vista crítico ao excesso de "razão" defendido pelo movimento iluminista, o "Esclarecimento" (AUFKLÄRUNG.), como um projeto de humanização, e apontam para o descompasso desse movimento que promove a insatisfação do sujeito consigo mesmo, a partir do momento em que ele busca se encaixar num modelo utópico, estipulado pela sociedade burguesa que padroniza os comportamentos a fim de manipular e dominar o proletariado, promovendo a exploração do homem pelo homem.

A teoria crítica, criada pelos intelectuais da escola de Frankfurt, faz oposição à razão instrumental devido a sua incoerência ideológica que deixando de atender ao seu objetivo de progresso social, de emancipação do homem através de uma saída da "menoridade", "... a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a tutela de outro", Kant, 2005, p.101, condicionou o ser humano à escravidão, pois tanto a racionalidade quanto a ciência se transformaram em instrumentos de dominação política, social e econômica.

Teoria crítica e emancipação humana

A Escola de Frankfurt, nome que se dá, simultaneamente, a uma teoria social e a um grupo de intelectuais, desenvolve a teoria crítica que busca romper com o dogmatismo da "teoria tradicional" - que tem a mera função de compreender e explicar a sociedade - e propõe um sistema autorreflexivo que explique os meios de dominação e aponte os modos de superá-los. Pois a teoria crítica tem como tarefa conhecer e entender as diversas formas de opressões instituídas e ocultadas pelas esferas de quem detém o poder, para então procurar modificá-las.

A partir desta postura crítica em relação às teorias positivistas embasadas no iluminismo e, conseqüentemente, na racionalidade instrumental, esta vista como uma proposta revolucionária que levaria a sociedade a um autoconhecimento e, por isso, à libertação, Freitag comenta:

A razão converte-se, na leitura de Horkheimer e Adorno, em uma razão alienada que se desviou do seu objetivo emancipatório original, transformando-se em seu contrário: a razão instrumental [substrato comum da alienada ciência e técnica positivista], o controle totalitário da natureza e a dominação incondicional dos homens. (FREITAG, 1994, p.35).

Contrariando a expectativa de domínio e liberdade da razão instrumental, o que se promoveu foi o conformismo do indivíduo, este permitindo ser determinado pelos interesses econômicos, ideológicos e políticos de uma sociedade consumista, padronizada por estereótipos ditados pela ordem social do capital que rege as posturas e as necessidades ilusórias do sujeito, sem considerar suas emoções, pois estas também já estão predeterminadas.

Notadamente, o conhecimento é sinônimo de poder e vislumbrado pelo discurso ideológico da estrutura capitalista é utilizado como instrumento de manipulação, fazendo do indivíduo um marionete a seu "bel prazer". E isso ocorre em todas as esferas, transformando a arte, a cultura genuína em mercadorias culturais, conduzindo a um jogo subliminar psicológico, no qual prevalece a aceitação do discurso ideológico do capital sem reação reflexiva. Como afirma Adorno:

As malhas do todo são atadas cada vez mais conforme o modelo do ato de troca. Este permite à consciência individual cada vez menos espaço de manobra, passa a formá-la de antemão, de um modo cada vez mais radical, cortando-lhe a priori a possibilidade da diferença, que se degrada em mera nuance no interior da homogeneidade da oferta. Simultaneamente, a aparência de liberdade torna a reflexão sobre a própria não-liberdade incomparavelmente mais difícil do que antes, quando esta estava em contradição com uma não-liberdade manifesta, o que acaba reforçando a dependência (ADORNO, 1998, p.9-10).

Este fato robustece a concepção de uma realidade falseada, fomentando o imaginário com ideias preconcebidas. Assim a cultura perde sua característica de elemento social e passa a ser mercadoria, mas não apenas uma mercadoria com valor monetário, e sim um produto incorporado por intenções de ideologias mercadológicas que, além de visar o lucro, pretende escravizar o ser humano, aproveitando-se da sensação de "ausência" que o próprio sistema estabelece para manter sua voracidade de consumo.

A descaracterização da arte na indústria cultural

Com a evolução industrial, os meios tecnológicos tornaram possível produzir arte em grande escala, mas isto não serviu para ampliar o acesso à arte, pois o que ocorreu foi a sua banalização e descaracterização e, em decorrência deste fato, o público perdeu o senso crítico e tornou-se um consumidor passivo de todas as mercadorias anunciadas.

Theodor Adorno, filósofo e musicólogo, denuncia a degradação da arte na realidade materialista burguesa, desvinculada ao seu aspecto social de natureza, pois é a partir deste momento artístico contemporâneo do autor que percebe-se a apropriação manipuladora do capital sobre a arte. A partir daí, decorre uma crescente dissociação entre o artista e a arte, já que o artista passa a fabricar “arte” para ser vendida, visando apenas o lucro, afastando-se da expressão artística, de suas emoções, de sua beleza, assim, como afirma Adorno (1982, p. 89), “A arte não imita nem a natureza, nem um belo natural singular, mas o belo natural em si”.

A transformação da cultura (Bildung) em mercadoria, promovida pela *indústria cultural* - é a forma como a cultura e a arte se organizam no sistema capitalista - tem como consequência a padronização e o baixo nível formal e de conteúdo através da reprodução em massa e o dispensável engajamento cognitivo para a compreensão composicional, assim como a domesticação do estilo musical imposta pela indústria fonográfica. A ascensão do modo de produção capitalista promove a regressão artística e a naturalização dos comportamentos adestrados pelo modo de produção do capital que mobiliza as forças críticas do sujeito porque promovendo uma sensação de identificação de uma coletividade da qual ele está inserido historicamente e por isso não lhe é estranho.

Descaracterizada, a arte é compreendida como simples forma de entretenimento, ela perde o seu caráter de emancipação do sujeito e, conseqüentemente, é levada a uma regressão auditiva, pois passa a atender o sistema do capital que a tudo degrada em nome do lucro e tem como característica a usurpação da autonomia para promover a homogeneização do repertório e fazer com que as massas obtenham a ilusão de que a facilidade composicional seja melhor que o esforço cognitivo.

Considerações finais

Considerando as reflexões propostas e embasadas nas contribuições de Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, este trabalho buscou discutir a massificação da arte promovida pela indústria cultural com a contribuição dos meios tecnológicos para atender aos anseios do sistema capitalista que tem como preocupação o acúmulo e o lucro, transformando o que é valor artístico em valor monetário.

Nosso estudo aponta para o indispensável papel da teoria crítica que é de denunciar as forças capitalistas que estão imbricadas naquilo em que consideramos naturais, comuns no nosso modo de vida, pois até isto é manipulado para que, passivamente, sejamos adestrados pela classe dominante. Já que o discurso ideológico subjazido em cada indução comportamental diz respeito a uma prospecção da burguesia para criar falsos preenchimentos no indivíduo, já que este estando “satisfeito” não tem tempo para a reflexão, logo está apto a submeter-se ao impositivo.

Diante de tais afirmações, consideramos que uma proposta de enfrentamento aos apelos capitalistas em relação à arte, é possível através de uma educação emancipada que se coloca em posição autorreflexiva, comprometida com a formação humana e não com a reprodução do capital. Assim a “arte de protesto” como ferramenta para o desenvolvimento da criticidade, fomentaria novas possibilidades para ultrapassar as barreiras do capitalismo.

Referências

ADORNO, Theodor W. **O fetichismo na música e a regressão da audição**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

ADORNO, Theodor. **A indústria cultural e sociedade**. São Paulo. Paz e Terra, 2002.

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, M. **Mínima moralia** . São Paulo: Ática, 1993.

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, M. **Prismas**. São Paulo: Ática, 1998.

ADORNO, Theodor. W; HORKHEIMER, M. **Sobre Música Popular**. IN: COHN, G. Theodor Adorno. São Paulo: Ática, 1994

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BEJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura** Trad. Sérgio P. Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREITAG, Bárbara (1986). **A teoria crítica: ontem e hoje**. São Paulo: Brasiliense 1994.

HORKHEIMER, M e Adorno, T. W. (1983). **Conceito de Iluminismo**. in W. Benjamin, M. Horkheimer, T. W. Adorno, J. Habermas. Textos Escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, p. 89-117 (Coleção Os Pensadores)

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

KANT, Immanuel. **Textos Seletos**. Petrópolis: Vozes, 2005.

MAIA, A. F. Art, technique and the cultural industry, Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.4 , n.6, 2000.

SILVA, Rafael Cordeiro. **A atualidade da crítica de Adorno à Indústria Cultural**. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 13, n. 25, p. 27-42, jan./jun. 1999.